

ARTIGO

O JORNALISMO DE “DADOS”, UMA PRÁTICA DE INVESTIGAÇÃO?

Um olhar sobre os casos alemão e grego

Copyright © 2015
SBPjor / Associação
Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo

JULIETTE CHARBONNEAUX
CELSA Paris-Sorbonne, França

PERGIA GKOUSKOU-GIANNAKOU
Universidade Blaise Pascal (Clermont-Ferrand 2), França

RESUMO - Esta contribuição explora a relação entre as rotinas de trabalho tradicionais do jornalismo investigativo e rotinas emergentes do jornalismo de “dados”. Como as culturas jornalísticas europeias reagiram a esse fenômeno, geralmente considerado como um vetor potencial para uma profunda desestabilização de práticas profissionais já estabelecidas no campo? E, para além disso, em que medida elas provocaram uma redefinição das contornos – já imprecisos – de uma profissão que atualmente tem questionado o seu futuro? Este artigo busca examinar em que medida o discurso sobre o jornalismo de “dados” também reflete as práticas do jornalismo investigativo e, nesse sentido, a ética profissional e os ideais jornalísticos. Com esse objetivo, trabalhamos com dois casos europeus, o alemão e o grego. A comparação dos dois casos, por meio de uma análise detalhada da proximidade dessas práticas, permite entender o processo de estruturação do discurso profissional, os imaginários que o alimentam, e o destaca – por meio de uma visualização retórica – como a dimensão implícita aos discursos sobre o jornalismo de “dados” está profundamente relacionado à forma como a informação deve ser lida.

Palavras-chave: Jornalismo de dados. Alemanha. Grécia. Imaginário. Jornalismo investigativo.

EL PERIODISMO “DE DATOS”, ¿UNA PRACTICA DE INVESTIGACIÓN? Una mirada sobre los casos alemán y greco

RESUMEN - Esta contribución explora la relación entre las rutinas laborales tradicionales del periodismo de investigación y las rutinas emergentes del periodismo de “datos”. ¿Cómo las culturas periodísticas europeas contestaran a ese fenómeno, generalmente considerado un vector potencial de una profunda desestabilización de las prácticas profesionales ya establecidas en el campo? Y, más que eso, ¿cómo ellas han provocado una redefinición de los contornos – ya imprecisos – de una profesión que actualmente cuestiona su futuro? Este artículo examina de que manera el discurso sobre el periodismo de “datos” reflete también las prácticas del periodismo de investigación, pero también la ética profesional y los ideales periodísticos. Para cumplir este objetivo, trabajamos con dos casos europeos, lo alemán y lo griego. La comparación de los dos casos, a partir de un estudio pormenorizado de la cercanía de esas prácticas, permite entender los procesos de estructuración del discurso profesional, los imaginarios que lo alimentan y destaca – por medio de una visualización retórica – como la dimensión implícita a los discursos sobre el periodismo de “datos” está profundamente relacionada a la manera como la información debe ser leída.

Palabras clave: Periodismo de datos. Alemana. Grecia. Imaginario. Periodismo de investigación.

“DATA JOURNALISM”, AN INVESTIGATION PRACTICE? A glance at the German and Greek cases

ABSTRACT - This contribution explores the links between the traditional work routines in investigative journalism and those, emergent ones, in « data journalism ». How do the European journalistic cultures react to this phenomenon, widely considered as a potential vector of profound destabilization of the established professional practices of the field and thus redefining the – fuzzy per se – contours of a profession that is already questioning its future? The issue here is to examine the extent to which the discourse on « data journalism » also reflects investigation practices and, through it, the professional ethics and journalistic ideals. With this intention, we put in parallel two European cases, namely the German the Greek one. The comparison of the two cases, by getting into the details of this proximity, clarifies the structuring of a professional discourse, the imaginaires feeding it on, and highlights - through the rhetoric of visualization - how the implicit dimension in the discourse about “data journalism” relates to a great extent to the way the information is given to read.

Key words: Data-journalism. Germany. Greece. Imaginary. Investigative journalism.

1. INTRODUÇÃO

Objeto recente de contornos pouco nítidos, o jornalismo de “dados” apareceu inicialmente no contexto norte-americano¹, conquistando, pouco a pouco, a Europa. Seguindo a linha da “Reportagem assistida por computador”², essa nova forma de redação jornalística caracteriza-se pelo uso de métodos de trabalho e de colaboração complexas entre jornalistas, técnicos de informática e acadêmicos³. Nesta contribuição, exploramos os laços entre as rotinas tradicionais do jornalismo “investigativo” e aquelas, emergentes, do jornalismo de “dados”.

Como já mostraram os trabalhos de Parasie e Dagiral (2013a; 2013b), nos Estados Unidos os jornalistas de dados trabalhavam inicialmente em estreita colaboração com os jornalistas investigativos tradicionais, mesmo se os seus métodos se diferenciavam. E o que acontece no outro lado Atlântico? Como, por sua vez, reagiram as culturas jornalísticas europeias face a esses fenômenos vistos como suscetíveis de mudar profundamente as práticas profissionais e de redefinir, a partir daí, os próprios contornos imprecisos de uma profissão em pleno questionamento sobre o seu futuro? Quais os tipos de discursos que essas culturas se utilizam para acolher essa nova prática? Trata-se de questionar de que forma os discursos sobre o jornalismo de “dados” são também

originários de uma reflexão sobre a prática de investigação e, por meio deles, de forma ampla, de uma deontologia profissional e dos próprios ideais da profissão.

Nossa proposta aqui é estudar como os discursos sobre o jornalismo de “dados” se aproveitam, ou não, dessa herança, mobilizando-a e atualizando-a para adaptá-la especificamente a práticas profissionais em vias de “rotinização”. Para isso, realizamos uma reflexão a partir de dois estudos de caso europeus, o alemão e o grego. Escolhemos analisar a emergência do jornalismo de dados nesses dois países que podem ser considerados complementares do ponto de vista geopolítico e da estruturação do sistema jornalístico, já que são classificados em esferas, se não opostas, ao menos distintas no interior desses espaços (HALLIN e MANCINI, 2004.).

O desenvolvimento desse novo movimento jornalístico se efetivou em contextos geopolíticos distintos: na Grécia, as primeiras “experimentações” dos jornalistas de dados foram realizadas em um contexto de crise econômica e de desconfiança dos cidadãos em relação aos dirigentes políticos e às instituições públicas; na Alemanha, os primeiros projetos de “data journalism” buscaram dar visibilidade a problemas ou a não-ditos que se escondiam sob uma aparente estabilidade política (a ação de minúsculos grupos neonazistas ou a questão da eficácia dos serviços públicos). Contudo, constata-se uma dupla proximidade entre esses dois espaços nacionais: uma mesma tendência dos atores, sob a reivindicação de praticarem um jornalismo de “dados”, de se posicionarem em relação a essa vertente mais antiga e mais visível da profissão que é o jornalismo dito de investigação; e também uma mesma propensão a utilizarem a mídia tradicional (televisão, rádio...) ou digital (blogs pessoais, jornais online...) para descrever seus métodos de trabalho e demonstrar o valor social desse novo tipo de expressão jornalística.

Ao lançar um olhar sobre esses dois casos, abordando de forma detalhada essa proximidade, busca-se esclarecer a estruturação – pela sua ‘desmultiplicação’ – de um discurso profissional e de imaginários que se irrigam. Nesse sentido, nosso trabalho pretende enriquecer e completar trabalhos anteriores sobre o assunto, produzidos em países anglo-saxões (PARASIE e DAGIRAL, 2012; 2013a; 2013b) ou trabalhos mais recentes, produzidos em países escandinavos (KARLSEN e STAVELIN, 2013).

2. METODOLOGIA E CORPUS

Para tratar das questões levantadas logo acima, analisamos a construção do objeto “jornalismo de dados” nos discursos profissionais e a forma como os atores se imaginam como mediadores nos processos de construção e de difusão da informação. Ao mesmo tempo, questionamos a relação com estudos sobre novos os atores que ingressaram no campo jornalístico e que estão ligados à natureza técnica e semiótica do suporte.

A partir de uma abordagem do tipo sociodiscursiva, questionamos a elaboração discursiva sobre o “jornalismo de dados” como um “momento” do discurso deontológico profissional que vem, por sua vez, alimentar o jornalismo enquanto “prática social de produção discursiva” (RINGOOT e UTARD, 2005, p. 18). Para fazer isso, nos concentramos nos atores de dois projetos que tratam da visualização de “dados” na Alemanha e na Grécia. Algo que une esses atores é a grande midiaticização de suas práticas em seus respectivos países e o caráter “pedagógico” de seus discursos. Por meio dos seus sites e de suas aparições na mídia, em seminários e conferências, eles buscam convencer, por um lado, os profissionais a adotarem novos métodos de trabalho e, por outro, o público a adotarem novas práticas de leitura da informação. Nesse sentido, emergem como mediadores da medição jornalística. Além disso, a maioria de seus projetos abordam problemas de envergadura nacional. Estes nos parecem reveladores do imaginário sobre o papel que se atribui a esse “jornalismo em invenção”: o de um ator político de primeiro plano no nível nacional.

Do lado alemão, o blog datenjournalist.de do jornalista e programador Lorenz Matzat se constituiu no ponto de partida deste estudo. Residindo em Berlim, Lorenz Matzat é um ator independente, embora importante, do campo jornalístico alemão: frequentemente os veículos tradicionais lhe encomendam produções, que são eventualmente premiadas e, por isso, Lorenz Matzat é solicitado a fazer intervenções públicas ou conceder entrevistas para a mídia, o que contribuiu para elevá-lo ao status de “*expert*” da exploração jornalística de “dados”. A análise semi-discursiva que deu origem aos resultados apresentados aqui foi realizada a partir de um “corpus dentro de um corpus”, composto por *posts* e por matérias referentes a dois projetos iniciados, total ou parcialmente, por Matzat: um intitulado “*Rechtes Land*” (“País de Direita”) e o outro “*Zugmonitor*”

(“Cabine de bordo de trens”), conduzidos pelo site do jornal alemão *die Süddeutsche Zeitung*. O primeiro se propõe revelar os vandalismos provocados por um minúsculo grupo neonazista, o NSU⁴ no território alemão. O segundo apresentava o tráfico ferroviário, “em tempo real”, nesse mesmo país.

No caso grego, analisamos o projeto “*Publicspending*”. Trata-se da vertente local de um projeto internacional sobre a coleta, a exploração e a apresentação de informações sobre gastos públicos⁵. O objetivo ambicioso desse projeto a longo prazo é o de dar a possibilidade de se produzir comparações internacionais sobre um tema crucial, que são os orçamentos nacionais. A versão grega desse programa tem uma importância particular por duas razões: trata-se de um primeiro projeto de tratamento e apresentação de dados online no país; e pela situação na qual se encontra a Grécia já há alguns anos (conflitos sociais e instabilidade política por causa da crise econômica). Os idealizadores do projeto eram inicialmente engenheiros e designers originários do meio empresarial ou acadêmico. Com a colaboração de jornalistas da imprensa diária grega, eles buscaram trazer respostas à questões ligadas às despesas dos estado grego tendo como base os dados publicados na web pelos ministérios daquele país. Nascido nos primórdios da crise econômica na Grécia, esse projeto tem como objetivo oferecer aos jornalistas as ferramentas para estudar a evolução da economia grega nos últimos anos.

No caso específico deste estudo, realizamos entrevistas semiestruturadas com nove parceiros do projeto *Publicspending*⁶. As entrevistas têm duração de 40 minutos a uma hora e foram feitas por telefone ou por *Skype*. Além disso, realizamos a análise dos discursos do responsável pelo projeto (M. Vafopoulos) expressos por meio de vídeos publicados online⁷.

Veremos, num primeiro momento, como os atores visualizaram a sua relação com a investigação e, em seguida, nos debruçamos nos métodos propostos por eles para renovar essa prática. Finalmente, centramos nossa atenção nos imaginários veiculados pela modalidade de formatação da informação e que foi privilegiada nos dois casos com a intenção de cumprir com os objetivos anunciados por esses projetos: a construção de um “mapa interativo”.

3. DECLARAÇÕES DE INTENÇÃO

3.1. NA ALEMANHA: A REIVINDICAÇÃO DE NOVOS PROCEDIMENTOS PARA UMA MELHOR INVESTIGAÇÃO

Uma parte da atividade de Lorenz Matzat no projeto *datenjournalist.de* consiste em definir o que é o jornalismo de “dados”. Em um dos primeiros *posts*, é possível ler que essa prática permite “ampliar a compreensão e a cobertura da sociedade e da natureza⁸”. “Devido ao sucesso do projeto *Wikileaks*, o papel dos dados no domínio do jornalismo investigativo não tem mais nada a provar⁹”, complementa o autor que busca, dessa forma, situar o jornalismo de “dados” como uma prática que deve estar a serviço de uma especialidade já instituída. Dois anos mais tarde, esse tipo de jornalismo parece ter se afirmado no discurso de Matzat que o situa como uma prática de investigação à parte e que toma emprestado do jornalismo investigativo os seus procedimentos e vocabulário.

O jornalismo de dados pode obter um “furo”, pode revelar um escândalo. Mas trata-se sobretudo de algo enigmático: o tratamento e a representação de relações complexas que não seriam visíveis em um texto ou uma tabela. Um jornalismo de dados consegue oferecer ao leitor um ambiente de pesquisa interativa na qual ele pode construir suas próprias ideias¹⁰.

O imaginário que se depreende da utilização desses termos é o mesmo do jornalismo investigativo, apesar dele não ser mais mencionado. É como se ele tivesse sido substituído pelo jornalismo de “dados” que se apropriou da sua área de atuação e do seu modo operacional: “a pesquisa”. Essa forma de designar esses procedimentos contribui na valorização da atividade profissional do jornalista e, de modo geral, do papel que ele deve ocupar na sociedade.

Assim, o jornalismo de “dados” alemão se constroi como promotor de um ideal político e democrático. “A liberação de informações é um elemento essencial da política. O *Zugmonitor*, com a suas componentes políticas, participa da democratização do conhecimento sobre uma instituição fundamental para a sociedade¹¹”, afirmou, nesse sentido Lorenz Matzat ao apresentar o projeto sobre os horários de trens, retomando, por conta própria, a retórica já desenvolvida pelo movimento do *Open data* e pelos pioneiros do *datajournalism* no meio anglo-saxão (CHIGNARD, 2012).

O direito à informação reivindicado por todos esses grupos

aparece mais como um ideal a ser assumido e praticado num momento em que ele tem sido abandonado por outros. No caso do *Zugmonitor*, trata-se do desafio da “transparência” que deve ser assumida por uma das últimas grandes empresas estatais alemãs, o *Deutsche Bahn*. Assim, o projeto se apresenta como: “uma forma [da sociedade] de recorrer com seus próprios meios na medida em que o poder político e o Estado ainda são bastante erráticos no que diz respeito ao potencial da Internet e onde a transparência só é pronunciada da boca pra fora¹²”.

Se os poderes públicos são culpados, o restante da mídia é também responsável se levarmos em conta a visão de Matzat. Esse duplo discurso de denúncia tornou-se, na verdade, a ponta de lança do jornalismo investigativo (ROBERT, 2012, p. 154). A diferença aqui é que o próprio jornalismo investigativo teria suas limitações. Ao partilharem de canteiros potencialmente comuns, esses dois ramos de uma mesma especialidade podem, dessa forma, tornarem-se concorrentes. Num *post* cujo título já é uma provocação, ‘O NSU e a renúncia do jornalismo¹³’, Lorenz Matzat justifica o seu projeto de dar visibilidade às extorsões clandestinas cometidas por neonazistas claramente se posicionando como um ator marginal, mas indispensável:

Tudo isso começou pela constatação de que aparentemente nenhuma equipe de investigação ou nenhum jornalista da grande mídia havia questionado nos últimos anos as contas oficiais dos “assassinos do *döner*”¹⁴. A corporação [de jornalistas], que tão prontamente se considera como o quarto poder do Estado, teria sido mais do que nunca indispensável nesse momento, mas acabou falhando no cumprimento do seu dever¹⁵.

Seguindo a linha dos trabalhos de Dominique Marchetti sobre o jornalismo “investigativo”, é possível, nesse caso, considerar o jornalismo de “dados” como um novo “objetivo de lutas simbólicas em torno da própria definição da atividade jornalística” (MARCHETTI, 2000, p. 37). De fato, para os autores alemães do jornalismo de “dados”, “não se trata mais apenas de lutar contra os amadores, mas de contestar certos profissionais para além dos tradicionais exemplos ruins da profissão, os *pararazzi* e os jornalistas corruptos, que a princípio ameaçariam o jornalismo” (p. 37). Se os amadores, como fala Dominique Marchetti se utilizam da investigação para melhorar o jornalismo, trata-se aqui de dar um passo a mais e melhorar a investigação pela utilização de práticas de redação consideradas adequadas à mídia informatizada.

3.2. O JORNALISMO INVESTIGATIVO E DE DADOS NA GRÉCIA: A “WEBCIÊNCIA” A SERVIÇO DE UM “OUTRO JORNALISMO DE INVESTIGAÇÃO”?

O jornalismo de dados na Grécia - fenômeno em plena emergência e associado ao do *Open data* – tenta rivalizar com os métodos de trabalho tradicionais daqueles que eram considerados até o momento como os especialistas da investigação jornalística pelo questionamento das práticas de pesquisa documental dessas pessoas. De fato, após a sanção da lei sobre as “relações estado-cidadão”, de 11/6/1986 (Lei 1599/1986) e sobretudo do artigo 16º sobre o “direito de acesso a documentos da administração pública”, todos os cidadãos gregos possuem acesso aos documentos administrativos¹⁶. Ora, a complexidade das modalidades do sistema de acesso a essas informações, particularmente antes da difusão em larga escala da Internet, sempre permitia que os jornalistas investigativos desempenhassem o seu papel de especialistas da pesquisa documental nesse campo, servindo-se desses documentos para confrontar, certificar ou provar suas informações. Assim, o jornalismo investigativo na Grécia – frequentemente praticado por jornalistas solitários ou mesmo marginais¹⁷ ou por repórteres integrados aos grandes jornais diários¹⁸ – tinha como objetivo revelar grandes temas de abrangência nacional (escândalos econômicos ou políticos) por meio da publicação de documentos brutos, alguns deles públicos, mas dificilmente acessíveis.

A partir de 2010, a Grécia entra oficialmente na “era do *Open data*”, com a obrigação legal de publicar no site *Diavgeia* (“Transparência”) ¹⁹ todas as decisões administrativas do governo grego. Dessa forma, os dados públicos, impressos e não tratáveis, são substituídos por dados abertos e colocados à disposição em formatos que permitem o seu tratamento e reutilização²⁰. Ora, os fluxos contínuos dessas informações são frequentemente considerados como difíceis de serem descritos, descritografados compreendidos ou utilizados por “não-especialistas”. Assim, o uso e a exploração desses dados atraiu inicialmente apenas especialistas em informática e aficionados pela web. Nesse sentido, o projeto *Publicspending* concebido inicialmente em 2011 por engenheiros – de computação, designers e professores-pesquisadores da Escola Politécnica de Atenas – teve como primeiro objetivo iniciar os jornalistas gregos no universo do jornalismo de dados. Como os seus idealizadores o definiam, tratava-se de um projeto “pedagógico” direcionado sobretudo aos jornalistas mas também,

num segundo momento, a qualquer pessoa interessada. Os primeiros idealizadores do *Publicspending* se definiam como “cientistas da web²¹” a serviço dos jornalistas. Para eles, os jornalistas deviam aprender e entender que existe um grande número de dados na web:

Nós não somos jornalistas investigativos, mas estamos ao serviço desse jornalismo investigativo [...] na web. Existe uma camada de informação objetiva na qual todos nós temos acesso e os jornalistas não foram educados a isso. Nós fomos formados com a mentalidade dos dados fechados, pensamos sempre que é preciso ter uma rede para achar uma informação (M.V., coordenador do projeto *Publicspending*).

Ora, a concepção e a publicação on-line do projeto coincidem com o início da crise da dívida pública na Grécia, após uma série de perturbações financeiras. Além disso, foi nesse período em que todas as decisões tomadas pelo Estado grego foram disponibilizadas online no site <http://diavgeia.gov.gr>. Nesse contexto movimentado, os “dados abertos” do governo foram recebidos com desconfiança ou indiferença pelos jornalistas que expressaram suas dúvidas sobre o número e a natureza das decisões publicadas online no que diz respeito aos gastos dos órgãos públicos²². Ao mesmo tempo, em paralelo com o trabalho dos grandes repórteres investigativos, um novo movimento jornalístico, baseado apenas na pesquisa e no tratamento de informações publicadas na web, se desenvolveu²³.

Entre os antigos e novos profissionais do jornalismo, os mediadores do jornalismo de “dados” buscaram atuar como tutores no aprendizado das novas rotinas profissionais e dos métodos de pesquisa por informação.

4. DOIS “DISCURSOS SOBRE O MÉTODO” DO JORNALISMO DE “DADOS”

4.1. O LADO GREGO: “FONTES” E “DADOS” OU A CONCORRÊNCIA ENTRE DOIS MÉTODOS

Na Grécia, os métodos desenvolvidos por esses mediadores questionam a distinção entre “fontes” de informação e “dados” a serem tratados. De fato, entre o uso de fontes “humanas”, algumas vezes “instáveis” e “subjetivas” e dados “objetivos” e “fixos”, os jornalistas investigativos na Grécia têm como objetivo a revelação das

“verdades escondidas” referentes sobretudo à corrupção, escândalos econômicos ou os bastidores dos acordos políticos²⁴, ou seja, o que for associado “às questões que resultem em processos na justiça ou investigações de serviços especializados” (MARCHETTI, 2000, p. 30). Ora, esses “dados” são frequentemente documentos “secretos”, privados ou contestados, aliás uma razão pela qual dificilmente esse tipo de temática costuma ser completamente elucidada²⁵.

Diferente do jornalismo investigativo tradicional, as fontes empregadas pelos idealizadores do *Publicspending* se limitam a documentos oficiais disponíveis na web. Eles apresentam o seu projeto como “um aplicativo para a web livre, aberto, neutro e objetivo” e a oposição entre *fontes* e *dados* está mais do que nunca presente nessa definição:

A web é vista como uma enorme base de dados. Se a informação for bem apresentada, é possível fazer questionamentos [...]. Nós questionamos e discutimos a partir de uma base objetiva (“qual é a soma exata que foi gasta”), por meio de dados verdadeiros e não de rumores que não foram confirmados.

A “objetividade” é garantida pela abundância de informações na web. No discurso desses “cientistas da web”, a influência da metáfora organicista de Robert Wiener²⁶ emerge: a informação circula livremente no ciberespaço e a produção de textos em ambiente digital garante apenas a verdade. Por outro lado, a oralidade humana, é, sim, subjetiva e suspeita.

Nesse sentido, a metáfora do “apurador na internet” levou os criadores do projeto *Publicspending* à concepção de um motor de busca que permite fazer perguntas precisas sobre o financiamento dos organismos públicos ou de empresas controladas pelo estado:

Figura 1 – Motor de buscas para “questionar a Web”

Main activity	Services of holding companies
Address	19 ETHN PAPAN-MARK - msp
City	PAFOS
Zip code	2502
Phone	8544961
Status	Active
Active Since	1900-01-01
Inactive Since	-
VAT number	094057843
Fiscal authority	F.A.E. ATHINÓN
Legal status	Other Type of Legal Entity

Fonte: www.publicspending.net

A metáfora do espaço que contém todo o conhecimento do mundo, o local absoluto da memória remete ao ideal das primeiras bibliotecas do mundo antigo²⁷. As notícias jornalísticas são “informações estruturadas” e os jornalistas devem fornecer aos leitores as ferramentas de busca e consulta de dados²⁸. Nesse contexto, a programação se impõe como um novo método jornalístico (KARLSEN e STAVELIN, 2013).

Ora, a colaboração com os jornalistas pressupõe dar coerência a duas lógicas profissionais contraditórias: a do “webcientist”, que coleciona as informações na web; e a do jornalista, que busca uma resposta precisa a uma pergunta. O “webcientista” trabalha metodicamente triando atentamente grandes quantidades de dados. O jornalista investigativo trabalha frequentemente sob condições de urgência e com a preocupação de uma contínua sincronia com ritmo de atualidade imposto pela mídia audiovisual (MARCHETTI, 2000).

Desde setembro de 2012, os atores do *Publicspending* estabeleceram uma parceria com três jornais de economia. No caso dessas parcerias, o objetivo principal é a contextualização semântica dos dados. Distinguir dados pertinentes em relação às informações necessárias para a realização de apurações precisas é uma das maiores dificuldades da comunicação entre jornalistas e profissionais de informática: “A contextualização é de uma imensa importância. Se alguém chama atenção para algo, mas não pode contextualizar, isso é um problema. Eis o problema dos dados: nós não sabemos qual é o problema (A. P., participante do projeto)”.

“Contar uma história” constitui uma prática jornalística que dificilmente se combina com a “linguagem dos números” característica dos dados. Essa rotina profissional que caracteriza a escrita jornalística não é parte das competências dos “manipuladores de dados”. Além disso, os jornalistas aprenderam a trabalhar em situações de urgência para construir breves histórias informativas, enquanto os profissionais de informática buscam lenta e minuciosamente ordenar e visualizar toda informação disponível na web: “Nessa hora, nós temos cinco mil decisões administrativas para ‘organizar’. A gente funciona dessa forma” (A.P.).

4.2. DISCURSOS ALEMÃES SOBRE O MÉTODO: RUMO A NOVAS ROTINAS DA “TRANSPARÊNCIA”?

Na Alemanha também esse exercício jornalístico implica, na opinião dos mediadores estudados aqui, em um comportamento definitivamente didático. Para Lorenz Matzat, o “discurso sobre o método” também pode ser derivado em dois eixos principais: mostrar as falhas dos outros como exemplos a não serem seguidos e, em contraposição, destacar as “boas práticas”.

A partir do *post* em que descreve as razões de ser de seu projeto sobre o opúsculo neonazista, Matzat se queixa que “nenhum veículo importante se aproveitou das possibilidades da web para fugir à monotonia²⁹”. Na sequência, ele encaminha o leitor aos links de quatro sites jornalísticos que trataram do tema³⁰. Esperando que o leitor siga a sua incitação de tomar a iniciativa de apurar os casos apresentados, como acontece em vários exemplos de falhas dos veículos tradicionais, ele segue empregando, como é comum nesse tipo de *post*, o verbo no futuro do pretérito composto, e faz uma lista do que a mídia *poderia* (subentende-se *deveria*) ter feito na cobertura do caso:

Teria sido esperável pelo menos criar uma plataforma ou apenas um banco de dados que reunisse progressivamente [...] a totalidade dos conhecimentos (e isso se aplica a outros temas como a crise do euro): quem são as pessoas e os atores (vítimas, famílias, criminosos, policiais, oficiais de inteligência, políticos, etc.), quais são os interesses dessas pessoas e até onde vai a lealdade delas, como eles são ligados entre si, quais são os fatos confirmados; sobre quais assuntos existem rumores, quais são os indícios sobre eles e de onde eles vêm; onde há contradições. Tudo isso podia ser muito bem encaminhado num formato interativo por meio de um site próprio e que consistiria num precioso serviço (e traria vários cliques). Representar um evento de forma clara, torná-lo acessível, é isso que eu considero jornalismo. E para fazer isso, o jornalismo deveria se servir de tudo o que for possível³¹.

Este parágrafo, visto como um simples silogismo, pode ser facilmente interpretado da seguinte forma: os veículos citados não fazem o trabalho necessário para representar o evento em questão, logo eles não fazem realmente jornalismo. A pretensão é sobretudo a de lembrar, para reinstaurar, os fundamentos de uma profissão que não se limita mais a um só tipo prática, mas que é tomada aqui pelo seu conjunto, como “o jornalismo”.

Esses comentários sobre as produções revelam as modalidades de construção de um ideal de transparência. A primeira delas consiste em expor em detalhes o método mobilizado para realizar produções

“datajornalísticas”. Embora a enunciação editorial seja um processo que fica na maioria das vezes “amplamente invisível ao público” (JEANNERET e SOUCHIER, 2005), o seu relato nesse tipo de prática é parte integrante do dispositivo. Assim, o processo de produção descrito na matéria garante uma conotação de transparência.

O site da *Süddeutsche Zeitung* propõe, por exemplo, que se entre nos bastidores do projeto “*Zugmonitor*”, por meio de um site especial de nome significativo: “Relato do atelier: como o *Zugmonitor* viu o dia³²”. O termo “atelier” conota um aspecto artesanal, natural, uma ausência de manipulação, e sugere a ideia de um olhar sobre a fabricação. A sequência da matéria, escrita por Lorenz Matzat, segue uma estrutura de parágrafos explicativos com oito intertítulos com o formato retórico do como fazer a sua lição. Assim, o ponto culminante da matéria é: “o que os jornalistas deveriam reter desse projeto³³”.

Alguns meses após publicar o *post* em que denunciava as falhas dos seus colegas na cobertura das extorsões neonazistas, Lorenz Matzat publica um novo *post* chamado “Sobre o projeto de dados *Rechtes Land* e as possibilidades de crowdfunding no jornalismo³⁴”. Esse segundo *post* está linkado ao primeiro, permitindo que o autor atribua coerência à sua prática, dando a ela uma imagem de continuidade. Além disso, ela emana um convite para se comparar as práticas ruins e as boas, classificando claramente as suas na segunda categoria. Os dois intertítulos já traduzem a vontade de se divulgar a forma como o trabalho é feito: “como o projeto nasceu?³⁵” e “por que ele funcionou³⁶?”. Nesses dois parágrafos são expostas nada menos do que 21 informações contendo números (custos de operação, número de participantes, duração necessária, etc.), sinal de uma “mediação pedagógica e didática” (CANDEL, 2008, p. 38) desse processo. “No [contexto] social, usar um número, uma medida, uma elaboração numérica do objeto dos discursos, consiste em atribuir à coisa dita o caráter de exatidão, dar a ela uma validade supostamente evidente, indiscutível, inerente ao tratamento estatístico ou matemática, uma *medida*”, completa Étienne Candel (2008, p. 38).

Por outro lado, esse poder do número não é exibido no discurso como um elemento que deve obrigatoriamente figurar no formato final da informação (diferente, por exemplo, da forma como o jornalismo de dados é praticado na França). É como se ele fosse reabsorvido no interior do dispositivo privilegiado no qual ele se inscreve: o mapa. O mapa, visto como uma imagem pensada, refletida, caracterizada pela “imposição da razão” garante uma “objetividade estrutural” (DASTON & GALISON, 2007, p. 98).

5. A EVIDÊNCIA DO “MAPA INTERATIVO”: AUMENTO DA TRANSPARÊNCIA NA REPRESENTAÇÃO EDITORIAL DOS DADOS

Nos dois campos de pesquisa, o grego e o alemão, as ferramentas e os processos descritos buscam assegurar a tradução visual dos “dados” consultados. Se toda produção informativa passa pela sua materialização em uma “imagem de texto” (SOUCHIER, 1998), logo, para os atores que participam do jornalismo de “dados”, a configuração da forma como ela será visualmente percebida se constitui numa novidade e, mais do que isso, na principal contribuição dessa prática. Nos dois casos estudados, essa contribuição requer que o objeto final se constitua na encarnação da almejada transparência: trata-se do “mapa interativo”.

5.1. NA GRÉCIA:

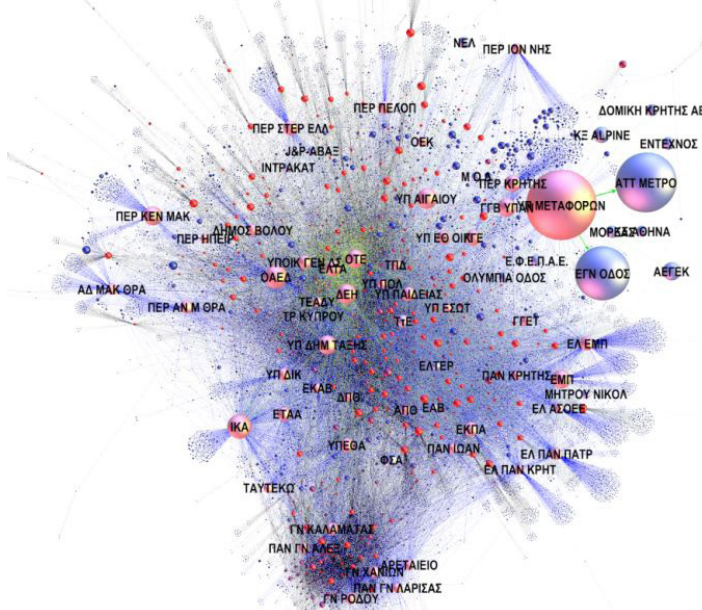
Os cientistas da web reivindicam a transparência por meio de um jornalismo quantificável e representável visualmente. Ora, como Thierry Libaert (2003, p. 6) já destacava em 2003: “[...] é, contudo, algo excepcional ler um jornal sem descobrir um apelo à transparência”. Em um período de crise e de perturbação, o conceito de “transparência” conhece um enorme sucesso, ele se cruza com o de “democracia” e o de “justiça” e, nesse contexto, a mídia é convidada a mostrar à sociedade uma “transparência sobre si própria” (LIBAERT, 2003, p. 14).

No caso do jornalismo de dados, a transparência se exprime por meio de uma imagem *hipermidiatizada*³⁷ pela tecnologia digital, de uma imagem aumentada que dá acesso a uma imediaticidade³⁸ paradoxal: “ver” a realidade significa olhar “para além” dessa realidade com a ajuda do suporte digital. O escalonamento dos dados em um mapa não tem relação apenas com a representação geográfica da realidade, mas sobretudo com a exposição por meio de uma imagem de informações heterogêneas e frequentemente abstratas, como é o caso dos dados matemáticos. Esses novos mapas/diagramas devem mostrar o posicionamento geográfico, as estatísticas de análise conceitual dos dados inseridas em um suporte multimídia, contendo texto, documentos audiovisuais e infografias retrabalhadas. Como escreve Yves Jeanneret (2005, p. 137): a transparência se justifica “particularmente por um discurso tecnicista, que dá a entender que o aperfeiçoamento dos dispositivos engendraria automaticamente efeitos de transparência social”. A metáfora do mapa interativo,

inerente à web, é utilizada na produção do jornalismo de “dados” para dar ao usuário a impressão da transparência absoluta em todos os níveis de visualização da realidade.

Na imagem a seguir, as bolhas conectadas mostram as conexões entre os órgãos e empresas que recebem os financiamentos mais importantes por parte do Estado grego, remetendo à ideia do universo. De forma mais precisa, os órgãos que dependem do orçamento estatal são representados por bolhas com o tamanho proporcional à sua receita e são marcadas por cores que variam do puro azul (empresas privadas) ao puro vermelho (setor público). As flechas entre as bolhas representam os fluxos de dinheiro (financiamentos).

Figura 2 – Proieto *Publicspending*: Companhias financiadas pelo estado



Fonte: www.publicspending.net

Esse universo ao mesmo tempo se identifica e se distingue com a realidade tangível, acessível para além do ambiente digital. A metáfora do mapa e das “bolhas” intervém, dessa forma, na prática de redação jornalística ao modificar as rotinas profissionais dos jornalistas: contar uma história não é mais redigir um texto com um começo e um fim. Trata-se de descrever um universo que não pode ser percebido por meio de uma presença direta.

5.2. NA ALEMANHA:

Da mesma forma, no discurso de Matzat, o imaginário do mapa se encontra enriquecido pelo da “interatividade”. Ao mencionar o desenvolvimento do projeto sobre as extorsões nazistas, ele escreve que “o uso de um mapa interativo acabou por se impor³⁹”. Essa formulação permite perceber quantas modalidades de formação da “história” já foram perfeitamente incorporadas a esse discurso, sinal do caminho já trilhado pelo imaginário sobre essa prática e de sua rotinização. Ele dá um passo além nesse sentido quando apresenta o mapa abaixo, em que aplica habilmente um recurso para criar um de efeito de profundidade: o texto principal é enriquecido de um vídeo e serve de pano de fundo para o projeto e para a imagem “de entrada” do vídeo: a de um mapa interativo. Nessa imagem fixa, feita para ser clicada, a produção destacada pelo produtor é denominada de “atlas” e não “mapa”. O termo conota, principalmente exaustividade – a ideia de que um atlas é uma soma de mapas – e cientificidade. O “projeto de conhecimento, frequentemente pragmático, mas também ideológico”, “implícito” ao próprio objeto do mapa (LASCOUMES, 2007, p. 2-3), é, dessa forma, enriquecido.

Figura 3 – Projeto sobre os crimes neonazistas: Vídeo de um mapa interativo



Fonte: www.datensjournaliste.de

O efeito de profundidade do mapa é retomado ao final pelo uso da redundância e que busca, ao mesmo tempo, legitimá-lo e naturalizá-lo como um objetivo informacional. Nesse sentido, a primeira pessoa que aparece no vídeo, Ulli Jentsch, membro do centro de imprensa antifascista de Berlin, destaca ainda o potencial do objeto em questão: “A possibilidade aberta por esse tipo de mapa de resumir qualquer coisa da forma como ele faz e de dar continuidade ao processo de escrita, é também a possibilidade de informar às pessoas de forma durável sobre esse tema⁴⁰”.

Ao mesmo tempo em que ele pronuncia essas palavras, o mapa aparece novamente ao fundo e, na sequência, em tela cheia. Dessa vez, ele aparece em movimento como uma forma de provar as potencialidades da “interatividade” já assinaladas pelo discurso de Ulli Jentsch. Essa demonstração visual faz eco ao que diz Matzat em um dos textos em que busca convencer os participantes potenciais da importância de um projeto desse porte: “Os leitores constroem uma nova experiência: eles podem se confrontar com um tema de maneira inabitual, interativa, pesquisarem sozinhos e, a partir dos fatos, construir sua própria opinião⁴¹”.

Depois de ter detalhado as engrenagens da fabricação, ou seja, depois de ter exibido a mediação, Matzat opera um retorno em seu discurso e a operação de construção que havia sido destacada num primeiro momento é apagada. A antecipação dos usos feita pelo texto que aparece na tela, a parte da textualização das práticas, desaparece diante do lugar atribuído ao leitor e, sobretudo, diante da ideologia da transparência dos “fatos”. A valorização da mídia acaba camuflando a mediação e sua dimensão simbólica⁴².

Com o objeto mapa que vem trazer uma extensão semiótica estabilizada e vista sob a ótica do caráter resolutamente nacional dos temas tratados por *Datenjournalismus*, a promessa democrática do jornalismo se atualiza nos textos da mídia digital, se apoiando na formação discursiva ideológica da interatividade. Ao sugerir ao leitor que ele dispõe de modalidades para conduzir a leitura, busca-se atribuir a ele o mesmo gesto do poder sobre a informação. O mapa interativo torna-se uma metáfora performativa: sua leitura vem com a promessa do ideal democrático. Nesse ambiente, se fundem o imaginário profissional e o da mídia digital.

CONCLUSÃO

Com a retórica da visualização, percebe-se no discurso do jornalismo de “dados” que dimensão inédita não se refere apenas ao volume ou à qualidade da informação “revelada” – como já acontece no jornalismo investigativo –, mas também (e talvez em grande parte) à maneira como essa informação será apresentada. As dinâmicas de concorrência entra a mídia passam, assim, por uma retórica da performance semiótica “assombrada” pela ilusão da transparência. Vê-se ainda como uma prática jornalística que se apresenta como algo fundamentalmente novo, não apenas reativa imaginários mais antigos, como se transforma rapidamente em práticas rotinizadas que buscam, por sua vez, defini-la. Ao dar lições sobre o jornalismo de “dados”, as figuras mediadoras analisadas aqui, mesmo que se reclamem praticantes de uma lógica inovadora, trabalham pela sua rotinização.

São precisamente essas novas rotinas, ligadas à natureza do suporte e que destacam imaginários específicos a elas, que vão se engajar na construção de um discurso paralelo sobre o jornalismo de “dados” como uma nova forma de atividade jornalística colaborativa – esquecendo-se nesse momento o aspecto intrinsecamente plural de toda produção informativa, independente do suporte⁴³. A realização de produções “datajornalísticas” passa, assim, pela afirmação, por meio de um discurso, de um coletivo jornalístico “ampliado” pelo ingresso de novas competências, de novas profissões nas redações, como os técnicos de informática, os designers e os programadores. Ou ainda pela associação entre uma mídia e uma estrutura especializada como vimos por meio de dois exemplos, alemão e grego. Os “novos métiers” integram os elementos de definição e de apreensão dessa atividade jornalística – ela mesma concebida como algo novo.

É possível ler uma reação face aos discursos circulantes e que denunciam a chegada com a internet dos jornalistas “amadores”. Reafirmamos aqui os trabalhos de Denis Ruellan (1993; 1997) sobre a questão da “fronteira” progressivamente constituída pelos jornalistas para circunscrever um campo profissional. Mas no caso do jornalismo de “dados”, a reafirmação da fronteira não se faz pelo deslocamento do centro dessa atividade, mas por meio de uma extensão do domínio da

profissionalização, via integração de competências que conotam o profissionalismo e na qual os atores do jornalismo recuperam a legitimidade ao se abrirem a ela.

*Este artigo foi traduzido do francês por Fábio Pereira e revisado por Lia Seixas

REFERÊNCIAS

BOLTER, J. D.; GRUSIN R. **Remediation: Understanding New Media**. Cambridge: MIT Press, 1999.

CANDEL, E. Une ration quotidienne de statistiques. La pratique éditoriale du «chiffre du jour» dans la presse écrite. **La Communication nombre**, n°28, p. 37-52, 2008.

CHIGNARD, S. **Open Data**. Limoges: Éditions FYP, 2012.

DASTON, L. ; GALISON, P. **Objectivity**. New York: Editions Zone Book, 2007

GARRISON, B. Diffusion of online information technologies in newspaper newsrooms. **Journalism**, vol. 2 n° 2, p. 221-239, 2001.

GRAY, J.; CHAMBERS, L., BOUNEGRU, L. **The Data Journalism Handbook**. O'Reilly: Sebastopol, 2012.

HALLIN, D.; MANCINI, P. **Comparing Media Systems: Three models of media and politics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004

JEANNERET, Y.; SOUCHIER E. L'énonciation éditoriale dans les écrits d'écran. **Communication & Langages**, n° 145, p. 3-15, 2005.

JEANNERET, Y. Transparence. In: **La « société de l'information » : glossaire critique**. Paris: La Documentation Française, 2005, p. 137-138. Disponível em: http://www.diplomatie.gouv.fr/fr/IMG/pdf/Glossaire_Critique.pdf. Acesso em: 02 jun. 2013.

KARLSEN, J.; STAVELIN, E. Computational Journalism in Norwegian Newsrooms. **Journalism practice**, 8 (1), p. 34-48, 2013.

LAMBERT, F.; WRONA, A. Entretien avec Umberto Eco. In: LAMBERT, F. (Ed.).

L'Expérience des images. Les entretiens de MédiaMorphose Paris: INA, 20001.

LASCOUMES, P. Gouverner par les cartes. **Genèses**, n° 68, Vol. 03, p. 02-03, 2007. Disponível em: www.cairn.info/revue-geneses-2007-3-page-2.htm. Acesso em: 02 jun. 2013.

LIBAERT, T. **La Transparence en trompe-l'œil.** Paris: Éditions Descartes et Cie/ Éd. Charles Léopold Mayer, 2003.

MARCHETTI, D. Les révélations du journalisme d'investigation. **Actes de la recherche en sciences sociales**, Vol. 131-132, p. 30-40, mar. 2000.

PARASIE, S.; DAGIRAL, E. Des journalistes enfin libérés de leurs sources ? Promesses et réalités du journalisme de données. **Sur le journalisme**, n° 2, Vol. 1, 52-63, 2013a.

PARASIE, S.; DAGIRAL, E. Data-driven journalism and the public good: Computer-assisted reporters and programmer-journalists in Chicago. **New media and society**, vol. 15 n° 6, p. 853-871. 2013b.

PARASIE, S. ; DAGIRAL, E. Quand le web colle au territoire : l'exploration de l'information hyperlocale à Chicago. **Sciences de la Société**, n° 84-85, p. 81-101, 2012.

REBILLARD, F. **Le web 2.0 en perspective.** Paris: L'Harmattan, 2007.

RINGOOT, R.; UTARD J.-M (orgs.). **Le Journalisme en invention. Nouvelles pratiques, nouveaux acteurs.** Rennes: Presses universitaires de Rennes, 2005.

ROBERT, V. Un remède à la crise de la presse ? Le journalisme d'investigation en France et en Allemagne. **Dokumente/Documents**, 4/2012, p. 165-168

RUELLAN, Denis. **Le Professionnalisme du flou.** Grenoble: Presses universitaires de Grenoble, 1993.

RUELLAN, D. **Les « pro » du journalisme. De l'état au statut, la construction d'un espace professionnel.** Rennes: PUR, 1997.

SOUCHIER, E. L'image du texte. Pour une théorie de l'énonciation éditoriale. **Les Cahiers de médiologie**, n. 6, p. 136-146, décembre 1998.

NOTAS

- 1 Pata alguns autores, o jornalismo de dados não deixa de ser considerado como um movimento norte-americano. Ver: Parasie e Dagiral (2013a; 2013b).
- 2 No inglês “*Computer-assisted reporting*”. Sobre o assunto, ver GARRISON (2001) .
- 3 Sobre esse ponto, é preciso mencionar o manual *The data journalism handbook* (GRAY, CHAMBERS, BOUNEGRY, 2012), considerado uma obra internacionalmente emblemática no domínio do jornalismo de dados. O manual foi redigido com a participação de pessoas oriundas de meios profissionais bastante diversos.
- 4 O NSU ou *Nationalsozialistischer Untergrund* (Nacional-Socialismo Clandestino, numa tradução aproximada) é uma célula terrorista de extrema direita.
- 5 Trata-se do projeto “Where public money goes worldwide?”. Os países que participam desse projeto atualmente são: Estados Unidos, Reino Unido, Austrália e Grécia: <http://www.publicspending.net/>
- 6 Os parceiros do projeto *Publicspending* são: M. Vafopoulos, M. Meimaris, I. Anagnostopoulos, A. Papantoniou, M. Klonaras, V. Loumos (Escola Politécnica de Atenas), I. Xydias, G. Vafeiadis (Universidade do Egeu, Grécia), G. Alexiou (Universidade Aristotélica da Tessalônica).
- 7 Mais precisamente, nós analisamos os seguintes vídeos on-line: a) apresentação do projeto *Publicspending* por M. Vafopoulos em “Ignite Athens 2012”, publicado on-line em 21/09/2012, no endereço: http://www.dailymotion.com/video/xtra3s_%CF%80o%CF%85-%CF%80CE%B1n%CE%B5-oi-%CF%86o%CF%81oi-%CE%BCo%CF%85-publicspending-gr-%CF%83CF%84CE%BF-ignite-athens-2012_tech; b) “Aegean digital”, n° 73, programa web publicado on-line em: 06/02/2013, no endereço: http://www.dailymotion.com/video/xxc-2g0_73-aegean-digital-public-spending-010213_tech
- 8 “Das Verständnis von und die Berichterstattung über Gesellschaft und Natur erweitern”. Os trechos em alemão foram retirados dos posts publicados no blog *datenjournalist.de*.

- 9 “Welche Rolle Daten in Sachen investigativem Journalismus spielt, muss angesichts des erfolgreich Projekts Wikileaks hier nicht weiter ausgeführt werde”.
- 10 “Datenjournalismus kann einen ‘Scoop’ erzielen, einen Skandal aufdecken. Aber meist geht es um Hintergründiges: Die Aufbereitung und Darstellung komplexer Zusammenhänge, die in Schrift oder Tabellenform unüberschaubarer wären. Gelungener Datenjournalismus bietet dem Leser eine interaktiven Rechercheumgebung an, mit dem er sich ein eigenes Bild machen kann”, *datenjournalist.de*, 23/02/2012.
- 11 “Die Freigabe von Informationen bzw. deren Zurückhalten ist wesentliches Element von Politik. Der Zugmonitor trägt mit seiner **politischen Komponente** zur Demokratisierung des Wissens über eine bedeutende Infrastruktureinrichtung der Gesellschaft bei”, <http://datenjournalist.de/selbsthilfe-die-vier-dimensionen-des-zugmonitors/>, 14/03/2012.
- 12 “Er ist eine Form von Selbsthilfe, weil etablierte Politik und staatliche Unternehmen immer noch Meilen hinter dem Potential des Internets hinterherhinken und Transparenz meist nur ein Lippenbekenntnis bleibt”, <http://datenjournalist.de/selbsthilfe-die-vier-dimensionen-des-zugmonitors/>, em 14/03/2012.
- 13 <http://datenjournalist.de/der-nsu-und-das-versagen-des-journalismus> em 06/12/2012.
- 14 A expressão faz referência ao döner kebab, o sanduíche turco. O termo, que foi amplamente desacreditado desde então, foi lançado e difundido pela imprensa alemã para designar uma série de assassinatos perpetrados por esse minúsculo grupo neonazista contra pequenos empresários de origem grega ou turca.
- 15 “Es fing schon damit an, dass offensichtlich kein Investigativteam oder ein einzelner Redakteur eines größeren Mediums in den vergangenen Jahren die behördlichen Märchen von den „Dönermorden“ in Zweifel gezogen hat. Die Zunft, die sich gerne auch als vierte Macht im Staat sieht, wäre hier nötiger denn je gewesen und hat in ihrem Aufgabenbereich versagt”, <http://datenjournalist.de/der-nsu-und-das-versagen-des-journalismus>
- 16 A modificação dessa lei em 1999 (2690/1999; artigo 5º) ampliou o direito de acesso pelas “partes interessadas”.

- 17 Por exemplo, a revista *Hotdoc* do jornalista/editor M. Kostas Vaxevanis.
- 18 Por exemplo, Gianna Papadaku (Γιάνα Παπαδάκου), do jornal *To Βήμα* (“*A Tribuna*”).
- 19 Disponível em: <http://diavgeia.gov.gr/en>.
- 20 Sobre a distinção entre “dados públicos” e “dados abertos”, ver Chignard (2012).
- 21 “Nós nos definimos como *webscientists* [cientistas da web]”, (M.V., Coordinateur du projet Publicspending).
- 22 Um exemplo: o artigo ‘Nas águas turvas do DIAVGEIA’ (‘Στα θολά νερά της Διαύγειας’), publicado no jornal eletrônico *The left*, em 07/01/2013, disponível em: <http://left.gr/news/sta-thola-nera-tis-diavgeias>. Nesse artigo, a afirmação corrente de que todas as decisões ministeriais são publicadas é questionada.
- 23 Trata-se dos veículos “pure players” (publicados apenas na web) como o jornal on-line *Palo* www.palo.gr, que se apresenta como um jornal/motor de buscas e de tratamento da informação.
- 24 Desse ponto de vista, o slogan da revista *Hotdoc* é bastante característico: “A verdade como ela é. *O jornalismo como ele deve ser*” (“*Η αλήθεια όπως είναι. Η δημοσιογραφία όπως πρέπει να είναι*”).
- 25 Para ilustrar essa afirmação, podemos usar como exemplo o caso do famoso escândalo das “escutas telefônicas” de 2006 sobre a existência de uma rede ilegal de escutas feitas pela empresa de telefonia móvel Vodaphone, após os jogos olímpicos de Atenas (2004). O caso foi bastante divulgado pelo jornal *Καθημερινή* (“O cotidiano”) e pelo seu jornalista Aristeia Bougatsou. Dentre as personalidades grampeadas foram mencionadas o então primeiro-ministro grego Kostas Karamanlis, vários de seus ministros, bem como 24 jornalistas que trabalham para sete canais de televisão e jornais diferentes. Mesmo **se** Vodaphone foi condenada a uma multa de 76 milhões de euros pela Autoridade Grega de Proteção das Comunicações (ADAE), a lista exata com o nome das vítimas das escutas nunca foi confirmada.
- 26 Sobre o renascimento dessa metáfora no webjornalismo, ver Rebillard (2007).
- 27 Sobre as antigas bibliotecas e principalmente a biblioteca de Alexan-

dria como um local do saber universal, ver Jacob (2007).

- 28 Retomamos aqui os resultados da pesquisa feita por Sylvain Parasié e Eric Dagiral (2012) sobre os jornalistas de dados norte-americanos e que afirmavam que “notícias são informações estruturadas” e os jornalistas devem desenvolver ferramentas de pesquisa para os leitores
- 29 “erstaunt es, dass kein größeres Medium sich den Möglichkeiten des Netzes bedient, um hier aus dem Einerlei hervorstechen”, <http://datenjournalist.de/der-nsu-und-das-versagen-des-journalismus/> , 06/07/2012.
- 30 “Hier die Themenseiten derSüddeutschen, der Tagesschau, von Spiegel Online und der FAZ”, <http://datenjournalist.de/der-nsu-und-das-versagen-des-journalismus/> , 06/07/2012.
- 31 “Ganz abgesehen davon, dass keine Redaktion ein dezidiertes Blog oder zumindest ab und zu etwa rund um Untersuchungsausschusstermine “live“ bloggt - es wäre doch eigentlich nahliegend, eine Plattform oder eben Datenbank aufzubauen, die prozesshaft in Text-, Bild-, Audio- und interaktiven Grafikformaten sammelt, was Kenntnisstand ist (das gilt für andere Themen auch, etwa der Eurokrise): Wer sind die Personen und Akteure (Opfer, Familien, Täter, Polizisten, Geheimdienstmitarbeiter, Politiker usw.), was sind ihre Interessen und wo liegen ihre Loyalitäten, wie sind sie miteinander verbunden; was sind bewiesene Fakten; worüber gibt es Gerüchte und was sind Indizien für sie und von wo stammen sie; an welcher Stelle gibt es Widersprüche. Das ließe sich alles mit einigem Geschick in interaktiver Form auf einer Themenseite anbieten, die einen wertvollen Dienst darstellen würde (und viele Klicks brächte). Ein Geschehen übersichtlich zu gestalten, aufzubereiten, zugänglich zu machen, halte ich für Journalismus. Und dabei sollte er sich allem bedienen, was möglich ist”, <http://datenjournalist.de/der-nsu-und-das-versagen-des-journalismus/> , 06/07/2012.
- 32 “Werkstattbericht : wie der Zugmonitor entstanden ist”, <http://www.sueddeutsche.de/kolumne/werkstattbericht-wie-der-zugmonitor-entstanden-ist-1.1303418>, 10/03/2012.
- 33 “Was Journalisten vom dem Projekt lernen sollen”, <http://www.sueddeutsche.de/kolumne/werkstattbericht-wie-der-zugmonitor-entstanden-ist-1.1303418>, 10/03/2012.
- 34 “Über das Datenprojekt & das Potential von Crowdfunding im

- Journalismus”, <http://datenjournalist.de/ueber-das-datenprojekt-rechtes-land-das-potential-von-crowdfunding-im-journalismus/>, 21/01/2013.
- 35 “Wie kam es zu dem Projekt?”, <http://datenjournalist.de/ueber-das-datenprojekt-rechtes-land-das-potential-von-crowdfunding-im-journalismus/>, 21/01/2013.
- 36 “Warum es nun geklappt hat? ”, <http://datenjournalist.de/ueber-das-datenprojekt-rechtes-land-das-potential-von-crowdfunding-im-journalismus/>, 21/01/2013.
- 37 Fazemos referência aqui ao conceito de “*hypermediation*”, de Bolter e Grusin (1996). Segundo eles, a hipermediação designa o reconhecimento de uma qualidade de realidade ao se experienciar uma mídia.
- 38 A imediaticidade designa a experiência de uma presença pura (“apreensão direta”).
- 39 “Der Einsatz einer interaktiven Karte lag auf der Hand”, <http://datenjournalist.de/ueber-das-datenprojekt-rechtes-land-das-potential-von-crowdfunding-im-journalismus/>.
- 40 “Die Möglichkeit über so eine Karte, so was zusammenzufassen und so was kontinuierlich fortzuschreiben, ist eine Möglichkeit, um auch dauerhaft Leute darüber zu informieren”, transcrição feita a partir do vídeo de apresentação do projeto, <http://datenjournalist.de/ueber-das-datenprojekt-rechtes-land-das-potential-von-crowdfunding-im-journalismus/>, 21/01/2013.
- 41 “die Leser machen eine neue Erfahrung: Sie können sich mit einem Thema auf ungewohnte Weise auseinandersetzen, interaktiv, selber recherchieren und so faktenorientiert zu einer eigenen Einschätzung gelangen”, <http://datenjournalist.de/ueber-das-datenprojekt-rechtes-land-das-potential-von-crowdfunding-im-journalismus/>, 21/01/2013.
- 42 Sobre o assunto, ver a entrevista de Umberto Eco a Frédéric Lambert e Adeline Wrona (2011, p. 41).
- 43 Ver Souchier (1998, p. 141): “Le concept d’énonciation éditoriale renvoie [donc] à l’élaboration plurielle de l’objet textuel. Il annonce une théorie polyphonique du texte produite ou proférée par toute

instance susceptible d'intervenir dans la conception, la réalisation ou la production du livre, et plus généralement de l'écrit. Au-delà, il intéresse tout support associant texte, image et son, notamment les écrans informatiques – étant entendu que tout texte est vu aussi bien que lu”.

Juliette Charbonneaux é professora do CELSA Paris-Sorbonne (Programa de Pós-Graduação em Ciências da Informação e da Comunicação) e integrante do laboratório GRIPIC. Sua pesquisa trata das relações entre mídia e política.

Pergia Gkouskou-Giannakou é professora na Universidade Blaise Pascal (Clermont-Ferrand 2) e integrante dos laboratórios “Comunicação e Solidariedade” (Universidade Blaise Pascal) e GRIPIC (Celsa/Sorbonne). Ela trabalha atualmente nos usos sociais da mídia digital.

RECEBIDO EM: 14/10/2013 | ACEITO EM: 21/09/2015